

Redacção e administração
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)
CAIXA POSTAL, 195
Endereço telegrafico: LANTERNA
Dirigir toda a correspondência ao
DIRECTOR:
EDGARD LEUENROTH

A LANTERNA
ANTICLERICAL E DE COMBATE

APARECE AOS SÁBADOS
ASSINATURAS:
ANO . . . . . 10\$000
SEMESTRE . . . . . 6\$000
PAGAMENTO ADIANTADO
Nas assinaturas para o exterior,
há a diferença do porte do Correio

O "caso Idalina"

Idalina não se encontra em Buenos Aires nem em Vila Real. — O desapontamento dos jornalões — Onde está Idalina?

Ainda uma vez voltamos a ocupar a atenção dos nossos leitores com o, para os padres, maldadado caso Idalina. E não será a ultima, porque não sabemos se e quando o poderemos deixar entregue ao juizo inexoravel da historia dos crimes da casta clerical.

Dar combate sem tréguas ao nefasto clericalismo e ás embutecedoras creanças que lhe servem de esteio — é a missão desta folha.
E para o povo se convencer de que essa corja negra outro fim não tem senão combater todos os grandes ideais de progresso e de justiça, de que a negregada casta dos discipulos de Loyola só vive para o manter na ignorancia e explorá-lo livremente, para que o povo chegue a ver no clero o seu mais perigoso inimigo é preciso que o arranquemos dos imundos esconchos onde vive, chafurdando na maior objecção moral, a forjar os seus planos tenebrosos contra os homens de pensamento livre.

E' preciso abalar no espirito do povo crente o seu sagrado respeito pelo padre — que lhe alimenta as creanças rançosas e de quem obedecem cegamente os nefastos conselhos.

Para se conseguir arredar os crentes da igreja — o objecto da suggestão, é do convívio do clero — o factor maximo de todas as sujeições tiranicas, para se arrancar o povo do dominio do padre é necessario que lhe mostremos quanto é perigoso e aviltante o contacto com semelhante reptil, cheio dos vícios proprios da sua condição e da moral de alcoice que o cerca.

E são essas as razões porque não nos cançaremos de aqui denunciar os seus constantes crimes, procurando com isso evitar que se lhe entreguem as pobres crianças desemparradas, victimas imbeles dos seus impetos de sadismo.

Batendo-nos para a descoberta do misterio — já cognominado "caso Idalina", nada mais fizemos do que cumprir o nosso programa de combate ao clericalismo, patrocinando uma causa justissima, como é a defesa dos filhos do povo.

Idalina, a pobre orfãzinha entregue aos cuidados dos padres do Orfanato Gostovam Colombo, lá desapareceu misteriosamente, sem que dela nunca mais se soubesse o paradeiro.

Os abutres que se aninham nesse antro de embrutecimento moral, da pobre criança deram sumiço, defendendo-se depois forjando as mais vergonhosas farsas, as mais grosseiras mistificações, uma a uma por nós depois desfeitas.

A accusação feita contra os padres desse abrigo continuo de pé sem ter sofrido o minimo abalo. Os grandes historioes com as suas tentativas de defesa não têm feito outra coisa senão enterrar ainda mais no charco das suas infamias.

Tentando alimentar no publico a duvida que ainda possa existir do triste fim que teve a desventurada Idalina, procuram fazer crer ainda andar a sua procura.

E de vez em quando surge pra' si uma nova Idalina, conseguida por meio das suas assas conhecidas arimanhas.

Ainda ha pouco berraram os jornalões aos quatro ventos o aparecimento da pobre Idalina,

contemporaneamente em Vila Real de Trás-os-Montes e em Buenos Aires...

Os jornalões nossos inimigos sistematicos exultaram, grunhindo em letras garrafais que iam ter um fim "as manobras interessadas dos inimigos do padre Faustino, entre os quais avultam os anticlericais de S. Paulo", os padres chegaram a fazer alegres excursões pelos mapas geograficos para mostrar aos jornalistas que os foram intervisitar onde se encontrava a Idalina...

Como sempre, nós cá estamos para lhes desmanchar a festa.

Afirmamos então que a noticia do aparecimento da Idalina não passava de um novo canard atirado ao publico pelos padres do Orfanato com o fim de o mistificar.

Dissimos isso e nos comprometemos a provar que Idalina não apparecera nem em Buenos Aires nem em Vila Real.

De Buenos Aires já publicamos duas cartas do amigo a quem pedimos que deslindasse o caso da Idalina portenha. Hoje podemos inserir mais uma sua carta com a qual fica definitivamente desfeito o novo boato divulgado pelos padres.

Eis a carta do nosso prestante amigo:

Caro Edgard:

Conforme te informei na minha ultima carta, eu e o companheiro a quem na mesma me referia, procedemos a uma minuciosa investigação no intuito de não deixar nada incompleto para cumprir o melhor possível a missão que me confiaste.

Além de informar-nos com os moradores actuaes do local da "calle" Talcahuano, 218, procuramos os antigos moradores que, segundo nos informaram, eram uns espanhoes que exploravam com os corpos de duas ou tres raparigas. Chegamos a encontra-los, mas nada absolutamente nada pudemos apañhar-lhes a respeito da estadia de Idalina nesta cidade.

Depois, o dito companheiro, que dispunha para isso do bastante tempo, procedeu sozinho a uma busca geral pelas casas onde são exploradas as desgraçadas que caem, e tambem esta tarefa resultou negativa para achar qualquer vestigio da passagem da pobre victimia por esta cidade.

Podes, pois, esta, certo que a tal noticia da existencia em Buenos Aires da Idalina é outra tentativa de salvamento inventada pelos padres.

Assim, pois, creio que posso dar por terminado o que me competia fazer.

Se tiver tempo, hei-de fazer uma noticia para os jornalões liberais daqui.

Do teu — Luiz.

O Estado do dia 23 do mez passado tambem publicou uma noticia sobre a tal menina de Buenos Aires que os padres tinham escolhido para servir de instrumento na sua nova mistificação.

Essa noticia do grande orgão não fez mais do que confirmar o que já haviamos publicado a respeito, e hoje reforçado na carta acima inserida.

Está, portanto, liquidada a Idalina argentina.

Resta, agora a de Vila Real. No nosso proximo numero diremos algo a respeito.

O Mundo, de Lisboa, já publicou uma longa noticia acompanhada dos retratos de Idalina e da Maria Magdalena, relatando o caso desde o seu inicio.

Do nosso correspondente já recebemos uma carta dizendo-nos que a noticia do aparecimento de Idalina em Vila Real não passa de mais uma grosseira farsa dos padres do Orfanato, que ainda uma vez devem responder:

— Onde está Idalina?



Embalado pelo povo inconsciente, vive o grande parasita estridido sobre a imbecilidade dos pobres de espirito e alimentando-se da ignorancia dos ingenuos que dão credito ás suas intrujices.

Não mexam com eles!

Ha dias foram espalhados profusamente na velha capital bahiana boletins assinados por D. Majolo de Clagny com o titulo — «Aviso ao povo» — em que o abade de S. Bento, que é ele Majolo, se opõe ao decreto do governador que condena a desapropriação e demolição no prazo de seis mezes, o Mosteiro de S. Bento.

Curto e incizivo, diz a imprensa, o boletim do abade chama á ordem, em tom rispido, não só o secretario, que tendo prometido ir ao convento examina-lo, não compareceu, como o governo que, diz, «parece de tudo alheio ás normas da civilização».

Gostei do Majolo, sim senhores!

E engula esta o — Caboclo Velho.

Agora é que vamos ver quem pode mais. A rinha promete...

Cá por mim jogo tudo no Majolo, e nem cinco réis no Bahiano, que é galo cançado e não aguenta mais tempo.

Não, que Majolo não é nenhum Aurelio que se manda pôr na porta da rua a treque de caixa por nenhum Sotero. Com ele fia-se mais fino.

O padrinho que ele Caboclo rem no Catete — coitado! não é para ser comparado ao grande e poderoso José Sarto.

Se duvidam, é só experimentar.

Porém vamos ao mais importante.

Diz assim um trecho do manifesto:

«E' ao povo bahiano que me dirijo para perguntar se deseja que os monjes de S. Bento fiquem na cidade do Salvador ou que se retirem para terras mais hospitalares, onde tanto o governo civil como o ecclesiastico estão ansiosos por nos receber.»

Tendo nascido naquela terra, não posso deixar de responder á pergunta acima e com todo o gosto.

E' para dizer, sr. abade, que voto para que vossa reverendissima e todos os jesuitas que ora e sempre fizeram a felicidade e a prosperidade da Bahia si fiquem e permaneçam em paz para gloria de Deus e gozo da patria a que pertencem.

E si ficarem, porque não havemos de consentir que outros povos, como dizels, venham privar-nos das vossas preciosas pessoas e dos bens...

cios que sem contar vós nos prodigais.

A cidade do Salvador é vossa. Nós nos opomos a que, a pretexto de limpá-la e aformozeá-la, venham mexer com o convento que é uma gloria da cidade.

Sabemos, além disto, que as cidades modernas tornam-se lugares de perdição, o diabo apodera-se dos seus habitantes, os quais deixam logo de frequentar as igrejas e de lá levar o ebulo áquelles que trabalham pela salvação das almas, dando o exemplo da renuncia aos bens deste mundo.

Ouvia dizer que a ordem a que pertenceis é riquissima, foi uma das maiores proprietarias de terras e de escravos da antiga provincia, porém tudo isso deve ser falso.

No dia 30 do passado, pela manhã, appareceram pelas esquinas das ruas boletins reaccionarios contra vós.

O Diario da Bahia, que aliás está ao vosso lado, abriu um plebiscito para saber se os frades estrangeiros devem ou não permanecer na Bahia.

Está claro que devem ficar, sim!

Então querem nivelar os frades com os operarios?!

Era o que faltava!

Isto aqui não é o atrasado Uruguay onde, além do divorcio já em vigor, praticam-se actos abominaveis, como este relato em telegrama ao Correio:

«MONTEVIDEO, 29 (Americana) — Embarcam para a Argentina as religiosas portuguezas e espanholas expulsas pelo governo dos conventos que ocupavam nesta cidade.»

Felizmente nos achamos numa terra bem governada e que foi escolhida pela Virgem para asilo dos que estão sob a sua protecção e guarda.

A proposito:

Dizem por aí que o nosso Cardeal está informado que o Papa pretende tambem vir aqui residir, porque as coisas não vão lá muito bem pela Europa, de preferencia a mudar-se para Jerusalém, como a principio pensara.

Quanta sorte!

Adrecoal.

Rio, 1 — 9 — 912.

Ha uma porção de santos que não tem outra origem senão as velhas lendas egipcias e a imaginação dos autores copias. Essas narrativas foram seguidamente admitidas no Góti-

CONFEITOS BÍBLICOS

Is, pois, Moises de regresso ao Egipto, quando lhe sai ao caminho, quem? Um saltador de estrada? Não! O proprio Deus em pessoa, com intenção de o matar!

Este extraordinario Deus brigão, que gosta de experimentar as forças fisicas dos seus protegidos, não se sabe porque nem para que, quiz repetir com Moises o gesto de capoeira pimpão que tivera antes com Jacob-Israel.

Mas a astuciosa Sefora, mulher de Moises, afugentou a Divindade, pregando-lhe um terrivel susto. Com uma pedra agudissima, correu ao filho e... circumcidou-o! Em seguida, tocou nos pés do marido dizendo-lhe: «Tu e para mim um esposo sanguinario.»

Ouvindo estas ultimas palavras, Deus ficou aterrado. «Sanguinario! Estor! frito!» pensou ele. E fugiu como uma lebre, livido de pavor e com o coração aos pinchos.

Esta graciosa historia faz lembrar outra, de Rabelais: o diabo, o lavrador e sua mulher. Enganado em varios contratos com um lavrador, o diabo desafia-o para um duelo á unha. O pobre agricultor aceita, mas julga-se de antemão vencido e morto e confia á mulher o motivo dos seus terrores e cuidados.

— Não te aflijas, homem, diz-lhe ela. Sai de casa, e eu me encarrego de receber o diabo.

No dia marcado, chega o diabo e encontra a mulher do seu adversario debulhada em lagrimas:

— Aí sr. diabo! Meu marido, que se prepara para um duelo á unha, queria experimentar as unhas em mim. Fugi-lhe, mas ele então foi-se á nossa vaca, e só com uma unha fez-lhe isto que o sr. está vendo...

E levantava a cauda da vaca...

O demónio não quiz ouvir mais e só parou no inferno.

O Conselheiro.

Um milagre que se destaca

A vos da sciencia, pelo orgão medico dr. Henrique Roxo, explica o fenomeno — Uma especulação industrial-religiosa.

No sabado passado, um diario matutino atirou aos quatro ventos uma noticia vivamente urdida para espantar os ingenuos e acirrar a atenção ignorante da crendice do populacho. Na gruta de N. S. de Lourdes, no morro do Castelo, dera-se, na imaginação de um noticiario místico, um formidavel milagre: a senhorita Maria Ferreira de Jesus, dita inteiramente cega, recuperara a vista, ao fazer uma oração no citado recanto milagroso da igreja de S. Sebastião.

O noticiario disposto a atordoar os seus leitores com a sensacional nova, chegou a maiores detalhes: a senhorita salva do convívio das trevas fora tratada pelo dr. Henrique Roxo, e affirmou-lhe, numa entrevista, que despresando as suas drogas, correa á gruta sagrada, tendo, suprema zombaria a todos os Hypocritas! a cura imediata com uma simples oração.

Poucos dispostos a ligar a cultura do século XX com a maravilha mística dos milagres, e conhecedores do merito comprovado do dr. Henrique Roxo, convictos de que se tratava de uma graciosa blague jornalística que envolvia desconsiderações ao illustre clinico citado, mandamos um representante á sua residencia, encarregado de pedir á sua gentileza e competencia, o necessario para desfazermos a farsa e dizermos a verdade ao publico.

Recebido o nosso representante com a mais fina amabilidade, no seu elegante gabinete de estudos, o dr. Henrique Roxo com a maior presteza respondeu ás seguintes perguntas:

— Doutor, o Correio da Noite pede-lhe o sumo obsequio de auxiliá-lo na contestação que quer fazer da noticia incerta sabado, sobre a sua cliente Maria Ferreira de Jesus, no Correio da Manhã.

— Com imenso prazer. O senhor vem ao encontro dos meus desejos: varios colegas aconselharam-me a escrever aos jornalões contestando as falsidades existentes nessa noticia e que, de algum modo me atinge, depreciando-me. Não o fiz até agora porque não costumeo ligar importancia á injustiça.

— Nesse caso com muita satisfação vamos até realizar um duplo fim necessario, defendendo e bem informar ao publico.

— Perfeitamente, o que muito agradeço. — Queira dizer-nos: a senhorita Maria Ferreira de Jesus foi sua cliente e estava realmente cega?

— A doente Maria Ferreira de Jesus foi por mim examinada duas vezes, em meu consultorio. Verifiquei tratar-se de um caso de histeria, com crises convulsivas, soluços e tosse histerica. Com o estado mental caracteristico eram esses fenomenos usados por auto-suggestão e removíveis pela persuasão. Dissu bem me apercebi e, quando lhe prescrevi medicamentos antispaesmodicos nada mais fiz que a suggestão armada. Nunca ela se me apresentou cega! é absolutamente falso!

Disso pode dar testemunho um collega, dr. Vieira Moraes, que, no momento em que ella esteve pela segunda vez em meu consultorio, lá se encontrava.

— Mas, é possível que ficasse depois cega, não acha?

— Perfeitamente: não seria a primeira vez que se me apresentasse uma cegueira histerica. Cura-se facilmente pela persuasão e, si se recusa um colírio, e simplesmente para amarrar o efeito no espirito doente do cliente. E' possível que depois de ter estado no meu escritorio ficasse um dia, de repente, cega. Isto succedeu frequentemente a uma doente minha na rua Haddock Lobo e eu a curo facilmente por persuasão.

— De maneira que o pretendo milagre foi simplesmente um caso de auto suggestão?

— Naturalmente: se a citada senhorita ficou cega, a convicção com que foi á gruta de Lourdes do Castelo, de que se curaria, bastou-lhe para, por um simples fenomeno de auto-suggestão, identico ao tratamento por persuasão de que usamos nós, os clinicos, para livrá-la da cegueira simplesmente histerica. As histericas curáveis na lendaria Lourdes europeia, são-no puramente pela suggestão armada. A doente vai convencida de que ficará boa, auto-sugestionando-se e fica realmente boa.

Satisfeito o nosso representante, agradeceu a fineza com que tratou o dr. Henrique Roxo e, quando se levantava para retirar-se, este notavel clinico disse-lhe, concluindo:

— O que é de lamentar é que uma folha explore um caso destes, dudando os incautos e buscando depreciar o clinico que estuda.

E eis aí, como a irreflexão do jornalismo avido de escândalos, inventa milagres onde existe um simples fenomeno, perfeitamente explicavel no limite da sciencia medica actual.

Atremese os incautos e insensatos da exploração que, fatalmente, com tanta presteza diligenciou em inventar, no morro do Castelo, uma gruta milagrosa, para que, amanhã, infelizes almas ingenuas vão através de dificuldades, buscar a fraude religiosa, que se resumirá numa salva ou uma sacola, recebendo esportulas para N. S. de Lourdes ou... o vigário da freguezia, protegido pelo reclamio espalhafatoso e enganador do jornal que deu curso a essas toleimas.

Que dizem a isto os jornalões carolissimos de S. Paulo que reproduziram a tal noticia milagrosa? Calam-se por certo, porque cadaverismo para isso não lhes falta.

CAUTÉRIOS

LXXVI

A uma igreja em ruínas

Hoje és um monte informe de calças, A pestilência, a mófo tresandando, Imundo casarão.

O tempo austero emfim fez-te justiça, Teu sombrio arcação condemnando 'A decomposição.

Hoje estás triste e só neste abandono, O teu aspecto miseravel suja A pureza do ar.

Não te perturbar no teu leito sono, Os funeraes pios da curja, — Teu genio tutelar.

Não te perturba o longo pesadelo O tempo, q' vem a trox que te devassa, Friamente, sem dó.

Calma assistes ao lento desmantelo Desses teu organismo de argamassa, Que se desfaz em pó.

Não te incomoda a eterna letargia A agua das chuvas que em lustral goteja, Como se fosse pus,

Pelas fendas — as chagas que a invernia Abriu em ti, ó secular igreja, Espantallo da luz!

Mais sadia e feliz és no entretanto: Recebas hoje a luz do sol bemdito, O ar purificador.

E antes, mude e fechada em teu recanto, Tinhas um modo estúpido e esquisito Do sol, do ar, do amor.

E' hoje mais feliz, pois já não sentes Os gemidos sombrios, de amargura, Das mortas garças, Que passaram por ti tristes, solentes, Cheias de te, roçando-se, á procura De paz, de compaixão... Estado da Silva.

SOB O DOMINIO DA DOCAS

Perseguindo os trabalhadores e protegendo a padralhada

Foram violentamente expulsos do Brasil cinco inteligentes e dignos trabalhadores, justamente quando a padralhada vagabunda e criminosa corrida de Portugal está sendo recebida com todas as honrarias pelos jesuitas de casaca que nos dominam.

Que dizer mais sobre o que se está passando de aviltante e de iníquo com o movimento dos trabalhadores da Docas de Santos?

Domina-nos a indignação, a repugnância e a tristeza, impedindo-nos de externar fielmente o que nos vai na alma de combatentes da causa do povo oprimido e explorado.

Indigna-nos a proteção aberta, escandalosa prestada por todas as autoridades do paiz á arrogante empresa em detrimento dos trabalhadores que outra coisa não desejam senão mais uma migalha para o seu sustento; enchemo-nos de repugnância ante a ascorosidade do procedimento da grande imprensa que, para fazer jus á pingue gorgeta da Docas, chafurdou-se no esterquilício das suas ignominias, tentando emporcalhar com as suas escrescências morais todos aqueles a quem é cara a defesa das liberdades publicas, entristecendo-nos profundamente a indiferença geral com que são recebidos os inqualificáveis atentados cometidos contra todos os mais essenciais direitos do cidadão — sem que a imprensa em peso rompa numa clamorosa campanha reivindicadora, sem que as instituições liberais façam sentir o seu protesto, sem que os homens de caráter independente venham corajosamente a publico defender as regalias a custo conquistadas no curso de penosas campanhas passadas.

Ante essa attitude de submissão, a todas as vilharias, a todas as violencias, como não se ha-de sentir forte essa corja de jesuitas encasacados que domina este malfadado paiz e muito especialmente este Estado de decantados progressos?

Nas mãos têm o chicote com que zurrizam os seus escravos antes do 13 de maio, nos cofres publicos encontram-se as mordidas para tapar a boca dos vendidos da imprensa. Estão, portanto, em uma terra conquistada, em uma capitania de nova especie, onde a sua vontade é soberana.

Como isto revolta! Em uma empresa riquissima, senhora de concessões excepcionais que lhe facultam lucros fabulosos, trabalhavam milhares de operarios numa labuta esfaufante, brutal e cheia de perigos mil, ganhando um salario miserissimo numa cidade onde a vida é carissima.

Esses trabalhadores, não podendo mais suportar as privações de dia para dia aumentadas, reclamaram da arquiimionaria empresa um pequeno aumento de paga, já prometido ha quatro anos. Como não foram atendidos, lançaram mãos do unico recurso que lhes restava — declararam-se em greve.

Nunca o fizessem. Contra uma companhia com o poderio da Docas é um atentado de lesa-patria dirigir-se um pedido de tal natureza.

Conscia do seu poderio, certa da força dos seus milhões, a companhia-monstro fez a sua imprensa berrar aos quatro ventos que se tentava subverter a ordem publica, que um perigo iminente ameaçava o Brasil.

O efeito foi rapido e radical. O governo federal fez partir para Santos a todo vapor um vaso de guerra e o governo do Estado para lá mandou uma grande parte da sua policia internacional-francesa e um delegado consagrado nos annas da historia policial com o «caso Calvo».

O Brasil estava em perigo, os estrangeiros pretendiam perturbar o socego da nossa pobre

industria. Era preciso, pois, cortar o mal pela raiz.

Mas a lei? E a Constituição? Que Constituição! que lei! Isso só existe para garantia daqueles que vivem a roubar o erario publico, a negociar com generos deteriorados e falsificados, a roubar o trabalho de mulheres e crianças nos seus ergastulos. Os trabalhadores, os que percebem em geral uma media de 5\$ por trabalhos de 10 a 12 horas por dia contribuindo para o progresso do paiz, para esses não ha legalidade — são uns perturbadores da ordem.

Prende-os, espanca-os e expulsa-os é um dever de alto patriotismo.

Foi o que se fez em Santos. Encerraram-se as associações operarias, proibiram-se-lhes as suas reuniões, prenderam-nos, espancaram-nos e expulsaram do paiz os que personificavam o seu odio de giboia perturbada na sua custosa digestão.

Como essa canalha julga os brasileiros uns submissos escravos da sua vontade, uns castrados incapazes de se rebelar á exploração — atribuiu á investigação de estrangeiros perigosos expulsos de outros paizes o movimento dos operarios da Docas.

E para justificar essa afirmativa, ofensiva aos brios dos brasileiros, assim considerados como uns Maria-vai-com-as-outras, trataram de prender, de processar e de embarcar para o estrangeiro alguns trabalhadores em destaque entre os seus companheiros pela sua intelligencia, pelo seu preparo e pela sua dedicacão á causa dos escravos do trabalho.

Os escolhidos foram os operarios Primitivo Raimundo Soares, Antonio Filgueiras Vieytes, Manuel Gonçalves e Albino Caires, todos conhecidos em Santos como homens de reputação inatacavel, trabalhadores e dedicados chefes de familias brasileiras.

No nosso numero passado já nos ocupamos desses companheiros, dizendo quem eles são.

Primitivo Soares é brasileiro, Antonio Vieytes reside no Brasil ha muitos anos, sendo os seus filhos nascidos em Ribeirão Preto e Santos, Manuel Gonçalves mora no Brasil ha mais da doze anos, tendo tres filhos nascidos em Santos e Albino Caires veio para o Brasil em criança.

Para se vingarem desses cinco trabalhadores da propaganda que eles faziam no meio operario, foram pisadas todas as leis.

A sua prisão foi feita quando eles saíram da redacção da «Noticia», onde tinham ido desmentir uma noticia falsa dada por aquele papel vendido á Docas. O seu director, presando a sua reputação de jornalista honesto, chamou a policia pelo telefone e fe-los prender.

Foi depois contra eles forjado um inquerito como autores de danos causados nos armazens da Docas e de violencias cometidas contra os crumiros!

Esse inquerito foi feito numa noite pelo tal Nobrega do «caso Calvo», que pediu ao promotor e ao juiz a denuncia e a prisão preventiva do mesmos, pressurosamente concedidas.

E apesar de todas as diligencias feitas, só se veiu a saber dos cinco trabalhadores quando eles deram noticias de si de bordo do «Orla», onde iam em caminho da Europa.

Verifica-se agora a farsa vergonhosamente suja que se representou.

Depois de denunciados como iucursos nas penas de um crime inafiançavel e decretada pelo juiz a sua prisão preventiva, a policia suspendeu a execução do mandado e forjou um processo de expulsão, immediatamente executado!

Esse processo, segundo informações que tivemos, é a maior vergonha destes tempos. A policia fez diversas testemunhas declararem que todos os cinco operarios expulsos vivem aqui apenas ha ano e meio!

E foi assim que fizeram a expulsão de um brasileiro e quatro outros operarios aqui residentes ha muitos anos e cujas familias são brasileiras!

Fala-se ainda em outras expulsões de trabalhadores em iguais condições, entre os quais citam os jornais o operario pintor Zeferino Oliva que aqui vive ha diversos anos!

Persegue tambem a policia diversas outras pessoas, umas que nunca militararam no meio trabalhador e outras que nem mais são operarios!

E si têm quantas iniquidades, quantas vilanias estão sendo cometidas para obrigarem os operarios a voltar ao jugo de uma empresa enriquecida infamemente á custa de exploração do trabalho alheio e da vida de milhares de homens.

Outra coisa não se pode esperar desse conluio de conselheiros escravocratas, ainda tresandando á censala, dessa jesuitada sebeta que p'raí vive encarapitada na administração publica, enriquecendo-se escandalosamente com o dinheiro do povo e com as proprinas das empresas estrangeiras.

Fiquem os trabalhadores de toda a parte sabendo o que isto é. Aqui só se quer trabalhadores sem ideias e submissos.

Neste paiz só têm entrada os grandes exploradores que aqui vêm aumentar os seus capitais á custa do aviltamento geral e da fradalhada suja corrida pelos seus crimes de outros paizes.

Emquanto, exactamente neste momento, o paiz está sendo invadido por uma horda devastadora de padres e freiras, vagabundos e parasitas que para aqui não trazem senão os seus vicios, os seus crimes, a sua corrupção; enquanto a padralha expulsa de Portugal, onde promovia revoluções para lá tentar reimplantar o seu dominio nefasto, é recebida com honrarias de toda a especie, são expulsos do paiz cinco homens honestos, dignos e trabalhadores, que aqui viviam a labutar pelo elevamento moral do operariado!

Pobre Brasil!

No seio do operariado fermenta-se uma grande indignação contra essa violencia.

O Comité Geral dos Sindicatos Operarios de S. Paulo distribuiu por todo o Brasil um extenso manifesto relatando as brutalidades cometidas contra os trabalhadores e lançando contra ellas o seu veemente protesto.

A Federação Operaria, do Rio, convocou um comicio com o mesmo fim para o largo de S. Francisco, mas não o pode realizar porque o palhaceo e rançoso jesuita São Belizario encheu o referido largo de forças e foi á sua séde apreender os boletins de convocação.

O Comité de Propaganda Socialista do Rio tambem lançou o seu protesto contra as brutalidades da policia paulista.

A Sociedade de Resistencia dos Trabalhadores em Trapiches e Café, em uma numerosa reunião em que estavam presentes representantes de muitas outras sociedades, protestou energicamente contra as iniquidades praticadas com os trabalhadores de Santos.

Traduções

PERSONA HABILITADA COM UM CURSO SUPERIOR E COM UMA LONGA PRÁTICA DE TRADUÇÕES INCUMBE-SE, POR PREÇOS RAZONAVES, DE TRADUÇÕES PORTUGUEZAS DO INGLÊS, FRANCÊS, ITALIANO E ESPANHOL, DE CARACTER TÉCNICO, CIENTÍFICO OU LINGUÍSTICO, SEM COMO PARA CÁVALGOS, VERSÕES DEMERITADAS E REEDITADAS. TRATA-SE NESTA REDACÇÃO.



A febre militarista e patrioteira — «Heróis do mar, nobre povo... pé! pé! pé! fóra o talassa! — A «Portuguesa» com acompanhamento de murros e bengaladas — O que eles dizem e fazem e o que eles fazem e dizem agora — O direito da força e os direitos da razão — «Bater é mais fácil do que demonstrar — Os frutos naturais de todas as imposições violentas — Querem os republicanos ser considerados como inconscientes, dignos de piedade e de cuidados... médicos? — Pela violencia não se destrinçam os amigos dos inimigos.

LISBOA, 18 DE AGOSTO

As esferas officias e politicas estão tomadas de febre militarista e patrioteira e sonham com um brilhante poderio terrestre e naval e com o respeito e consideração de poderosos aliados, fantasiando ameaças e perigos graves para a independência da nação e para a integridade das colônias.

A este estado de espirito do alto corresponde em baixo, em certos elementos populares, imbuídos de fanatismo politico irreflectido, a formação dum culto externo patriótico, intolerante e agressivo, explorado por alguns jornais inconscientes da sua decantada missão educativa. Assim procura instituir-se o culto obrigatório da bandeira e hinos nacionais — e a pretensão já tem dado em resultado alguns conflitos sérios, entrando num deles o revolver.

No tempo da monarchia, numerosos republicanos faziam gala de enterrar ainda mais na cabeça o seu chapéu ao som do desconsiderado «hino da Carta» — e o irreverente gesto não lhes era relevado, ao menos nos centros populosos, por debilidade de convicções ou impotência dos adversários.

Houve mesmo uma occasião em que foi ditirâmbicamente cantado o «chapéu do sr. Afonso Costa», a propósito dum sarau de S. Carlos, durante o qual, em presença das majestades, os acordes officias do Estado monarchico não tiveram o condão orfeico de fazer erguer do assento e do couro cabeludo o traseiro irreverente e o irreverente penante do popular caudilho democrático.

A respeito das procissões e das passeatas publicas do «santissimo sacramento», a attitude da maioria dos republicanos era identica; e não cessava o protesto, pelo facto e pela palavra, contra a humilhante e insofrível imposição dum respeito não sentido. Está na memória de todos o acto do dr. Alexandre Braga, que se conservou coberto á pssaagem de um qualquer simbolo religioso e sofreu por isso dissabores.

Pois bem: os republicanos defendem agora a mesma intollerância, com os mesmos sofismas e ainda maior numero de sopapos.

Aos monarchistas dizem elles que os symbolos da República triunfante o são igualmente da «Pátria», e ao menos como tais devem ser respeitados por todos os patriotas. Mas esquecem-se de que symbolos officias da «Pátria» (isto é, do Estado) eram também os da monarchia, como recentemente foi reconhecido pelos próprios republicanos, acolhendo o republicano espanhol D. Rodrigo Soriano com a «Marcha Real de Espanha» e saudando respectivamente a música rialista como hino duma nação; e no entanto esses mesmos republicanos, sob a rialeza, até em solenidades internacionais se conservavam cobertos e sentados, quando ao som do «hino da Carta» se ergulam monarchistas e estrangeiros.

Aos internacionalistas e a todos dizem elles que o irreverente pelo hino e pela bandeira é uma provocação e uma ofensa ás ideias e á liberdade alheias, e que deve retirar-se quem não quer prestar o culto exigido pelos outros. Mas esquecem-se

de que eram esses precisamente os miseros argumentos dos catholicos e monarchistas. Esquecem-se do que então triunfantemente responderam: que a «tua é lugar publico, que em tal caso as procissões eram igualmente uma provocação aos sentimentos liberais e que os republicanos e livres pensadores teriam, por aquele raciocinio, o direito de exigir que todos pusessem o chapéu e ninguem manifestasse um irritante respeito por idolos grutescos e symbolos detestados.

Mas embora os republicanos tenham teoricamente razão, o seu direito (não a sua força) limita-se a demonstrar essa razão, não a impô-la pela violencia, como todos os fanáticos e intolerantes.

Aos monarchistas tem de demonstrar por actos e palavras, com a ajuda eficaz do tempo, que a república é superior á monarchia e está para sempre identificada com a «pátria».

Aos revolucionarios sociais, homens não do passado, mas do futuro, tem de demonstrar — tarefa em verdade bem mais difficil — que o Estado equivale á patria e que esta pertence a todos, a todos dá iguais direitos e vantagens e de todos merece iguais direitos e sacrificios. Depois disto, ainda lhes restaria provar a necessidade de symbolos patrióticos e dum culto externo em honra dos mesmos symbolos.

Esse direito lhes cabe, aos republicanos, como lhes cabe o de defesa pelas armas, quando pelas armas são atacados; mas nunca, em caso algum, lhes pertence o da imposição violenta de ideias, de sentimentos ou de gestos.

E, além de tudo, qual é o resultado de tal imposição?

Desse modo, os republicanos apenas fomentarão nos rebeldes a revolta e a irritação, e nos indifferentes, nos fracos e nos submissos a hipocrisia, a dissimulação e a cobardia de espirito; para si ganharão sómente o descrédito que recai sobre todas especies de intolerantes e violentos. Há livres-pensadores que, prezando sobre tudo o apostolado das suas ideias, desejando-as largamente difundidas pelas massas e não querendo irritar os sentimentos primitivos e obscuros dos crentes nem inutilizar de ante-mão á sua própria obra de propaganda, se sujeitam em certos casos a algumas manifestações exteriores de respeito por um culto. Mas quererão os republicanos, que se intitulam liberais, merecer essa mesma piedade de médico pelos retardatarios?...

Com a violencia e a imposição do seu culto, nem sequer ficaria a conhecer os seus verdadeiros e mais perigosos inimigos: obedecer-lhe-ão os debeis de espirito, os indifferentes, os hipocritas e os dissimulados, os que temem que esconder e distorcer; não lhes obedecerão as almas rebeldes e altivas, os sinceros e corajosos, os que nada precisam encobrir. Esperaremos muito tempo o regresso do bom senso e a queda da febre militarista e patrioteira?...

Nuno Vasco

BEBEDEIRA E VISÕES

O jornal clerical Le Pèlerin, n. de 17 de junho, narra esta historietta: «O padre Dominique não carecia de espirito e sabia distinguir os verdadeiros cristãos dos que só tem a aparência da virtude. Um dia uma senhora, que imaginava ter visões celestes, veiu ter com elle no convento de Londres. Logo que ella viu o padre, exclamou: — Oh! padre! sou uma grande peccadora! — Como e senhora, ha muitos. — Mas salvar-me-ei? — Nosso Senhor morreu por todos os peccadores, e portanto tambem pela senhora.

A dama confessou-lhe então que tambem assim o esperava, pois já neste mundo o Senhor se mostrava a ella. O padre cruzou as mãos no peito. — Tem visões? E que viu? — O Padre Eterno e depois o Filho. — E' um grande privilegio, minha filha; Moisés não viu tanto. E quando foi isso? — Hontem á noite, cerca das 6. — Faz então a meditação? — Precisamente. — E a que horas janta? — A dama ficou santamente indignada e replicou bastante vivamente: — Cêrca das 5 horas. — E que toma? — Que me quer este grosseiro? pensou a dama. Mas compreendendo que naquilo estavam empenhadas as suas visões, enumerou, não sem alguma complacência, a sua farta lista de pratos. Depois concluiu: — Depois da refeição, bebo cerveja, mas no fim tomo dois copos de vinho.

Minha filha, redarguiu sentenciosamente o padre, tome amanhã trez e aposto que verá tambem o Espirito Santo. — Vê-se que este jesuita sabe o que vale as visões e as aparições, que aparecem aos ebrios, aos alucinados, ás histericas. — E o lugar e o tempo não eram proprios para explorar perante as multitudes crentes as visões da dama, que talvez não fosse muito firme nem servisse para joguete facil e de facil manejo. — Ainda se fosse no recanto duma montanha e com uma pastorinha ingenua e suggestionavel, facil de sequestrar depois num convento. — Mas naquellas condições, a attitude do jesuita Dominique (pois é padre da Companhia) foi a mais habil, parecendo dizer: «Vejam todos como nós somos justos e imparciais, e sabemos repeller os falsos milagres e as falsas visões. Quando os apresentamos como verdadeiros, é porque realmente o são!»

Coitadinhos! Metamos-lhes o dedo na boca, a ver se o mordem...

Biblia vermelha

A devoção é um sinal de degenerescencia; não a observamos senão entre os entovios, os hiper-suggestionavel, incapazes de observar, de comparar de raciocinar e de pensar por si. Dr. Binet-Saaglé.

SERMÕES AO AR LIVRE

Recentemente, uma revista alemã, occupando-se do limite maximo de calor que pode ser suportado pelo corpo humano, citava varios casos de temperatura muito elevada em certas regiões do globo e outros de resistencia dos operarios de algumas profissões, como os maquinistas e fogueiros navais. Depois falava de experimentos scientificos para solução do problema, sendo notaveis os dos sabios ingleses Blagden e Chantray que, para calcular o limite termico maximo que o homem pode sofrer, se meteram num forno, cujo ambiente se foi progressivamente elevando. Assim, chegaram a concluir que o ser humano normal é capaz de suportar uma temperatura superior ao grau de ebulição da agua. Ora isto é, nem mais nem menos, a solene reabilitação da Igreja e da Inquisição. A Igreja ufana-se a cada passo das suas celebridades na arte, na litteratura e na sciencia — nas sciencias como as mathematicas, a astronomia, a fisica, a quimica, etc. Pois bem: a Inquisição não foi uma instituição de repressão e de intollerância, — foi uma sociedade scientifica de investigação, onde o metodo experimental, ainda antes de Bacon, era honrado e praticado. Ela queria, entre outras coisas, resolver o problema, recentemente retomado pelos dois sabios britannicos atrás indicados. Ilustre e veneravel precursor, o Torquemada! Houve victimas? Sem duvida! Mas o progresso está cheio de cadáveres. Não morrem todos os dias aviadores? Para honra da Igreja, mais uma miseravel calunia desfeita!

Lano Vaz



ERRICO MALATESTA

Errico Malatesta, de cuja iniqua e inacreditavel condenação já nos ocupámos, foi posto em liberdade quinze dias antes do prazo fixado pela sentença, e até dezasseis dias, pois que, anunciada essa redução de pena, anteciparam-lhe ainda a saída, para evitar a manifestação que os amigos do estimadissimo militante lhe preparavam. Em todo caso, numerosos amigos reuniram-se em casa dele, saudando-o e protestando assim mais uma vez contra a clamorosa injustiça que feriu uma das mais altas figuras morais e intellectuales do socialismo libertário. Restou acrescentar que contra Malatesta, graças aos protestos da opinião independente, não foi decretada a expulsão, como pedira o tribunal, sob a inspiração da ignobil policia politica internacional.

O VINHO DO TRAPEIRO

Quando se viu na pequena praça plantada de tilias, Reboullot girou, virou-se, quasi sem avançar nem recuar. Já nem sabia que fazer da sua liberdade, ou antes, como de uma espada enferrujada, parecia não poder já servir-se dela. E o carcereiro olhava para ele, rindo-se. Ha muito que se conhecia, pois Reboullot vinha todas as manhãs á porta da cadeia procurar no caixão do lixo as materias que lhe eram preciosas. Enquanto estivera preso, outro o substituiria; no dia seguinte de manhã, recompararia ele.

— Palavra de honra, agora já não tenho vontade de me ir embora. Posso voltar para dentro? Mas o regulamento é o regulamento.

— Põe-te ao fresco, e depressa! disse-lhe o carcereiro, que esteve a ponto de acrescentar, por velho habito militar: — Senão, mando-te prender já.

Mas reteve-se: seria então fazer a vontade de Reboullot. E Reboullot suspirou. Era um bom sujeito, de uns cincoenta annos. Morava no extremo de um suburbio, numa casita — um vasto compartimento unico — que podia perfectamente não passar de um pardieiro. Contentava-se com o que achava, de manhã, nos caixotes depositos ao longo dos estreitos passios e abstinha-se cuidadosamente de injuriar os moradores que, de proposito, não deixavam neles, para o favorecer, moedas de ouro e moedas de notas. Por causa dele, não haviam de ficar na miseria. Todos precisavam de viver e Reboullot não se queixava do seu modo de vida: fatigava-se muito menos que os camponeses das vizinhanças e que os operarios da cidade. Só no inverno é que o officio era mais duro. Também, que ideia solta-lhe justamente numa manhã de inverno!

Suspirou de novo, contemplou as paredes da prisão e decidiu-se a voltar ás costas. Estar na cadeia não é nada desagradavel: lá dentro, como em qualquer outra parte, faz a gente o que quer, nos limites do regulamento. Se houvesse licença, poderia a gente ir dar o seu passeiozinho diario pela cidade, por exemplo á tarde, das duas ás cinco; mas, como se sabe que é prohibido, depressa se acostuma a gente a não pensar nisso. Ganham-se relações, lá dentro; vêem-se sujeitos vindos dos quatro cantos do departamento, que contam: — Eu estava em tal lugar... Succedeu-me isto... Aconteceu-me aquillo... E isso sempre distrai e instrue. Grandes criminosos, não são. Uns deixaram a mão, para seu uso, a objectos que não lhes pertenciam; mas quem nos diz a nós que não tinham intenção de os restituir? Outros bateram, com certa força, em suas mulheres, mas elas não morreram. Este insultou os representantes da força publica, mas a força publica tem com que se defender. E este era justamente Reboullot. Gostava do vinho, porque não o bebia todos os dias e por isso, quando podia, desforrava-se: os taberneiros é que não se queixavam disso. E hoje havia um pouco mais de dois mezes que fôra bater, de cabeça, contra um policia, que estacionava, melancolico, sob um candieiro, a uma esquina. O guarda, imaginando que se tratasse de um assalto, reagira, agarrando-o.

— Oh! gaguejava Reboullot, já meio desmbrilhado, não o fiz por querer. Mas já que assim pousas, espera! — E tentara bater tambem, como homem livre. Bebera demais, porém, a força pública venceu a força privada. E fôra condemnado a dois mezes de cadeia.

Já que estava fôra contra a sua vontade, tinha pressa de ir para casa. Mas era muito longe, e outro su-

tremo da cidade. E depois ninguém o esperava. E depois, tentação suprema, sentia no bolso dezasseis francos, frutos das economias que pudera fazer na cadeia e resto do que não pudera acabar de gastar no dia do accidente. Entrou numa taberna. O que custa é só o primeiro copo; depois dá a gente o seu dinheiro sem contar. No ardor do entusiasmo, sente-se vontade de dar até cinco francos por um litro de vinho tinto que valerá pouco mais de cinco soldos. Reboullot conhecera desses minutos em que a embriaguez a tal ponto nos engrandece, tal importancia nos dá que nos julgamos donos de tudo e que queremos tornar felizes todos os que de nós se abeiram, por nós vistos como que através de um nevoeiro, de uma nuvem, a nuvem que nos serve de trono, como a um deus. Nesse dia conheceu de novo esse minuto de transfiguração. E depois, embora homem de bem, não lhe desagradava todavia poder gritar que saia da cadeia: isso colocava-o acima da multidão, acima dos que nunca se assignalaram por qualquer acto extraordinario. Nesse dia fazia o frio do inverno, mas levemente humido, de fevereiro; havia fogo nas tabernas, e Reboullot passou muitas vezes do frio ao quente. Por fim, já nem o notava: tinha as faces escarlates. Al pelo meio-dia, sentiu vontade de mastigar um bocadinho. Bebeu um café, depois um copo de aguardente, e foi isto o que o acabou. Já não tinha uma ideia na cabeça, e não pensava na prisão, nem em sua casa, nem no seu officio de trapeiro, que tinha de retomar na manhã seguinte. Durante a tarde inteira, viveu uma vida magnifica, com a liberdade, o poder de beber mais, sempre. Não digo que bebeu sem parar: passou quartos de hora com os cotovelos sobre mesas diversas, os olhos vagos, a sonhar como pôde sonhar um homem que não é mau e que está bebado. Se, chegado o crepusculo, os candieiros se acenderam, não reparou: desde manhã que as horas se seguiam e eram para ele todas iguais. Era completamente feliz. Isto é, se-lo-la, se não lhe restasse mais dinheiro no bolso; tinha ainda uma moeda de cinco francos que lhe queimava os dedos. E foi cerca das nove da noite que quiz entrar em casa de Bourdillat, cuja taberna se achava no caminho para casa. Bourdillat tambem o conhecia de velha data; mas nessa noite viu-o em tal estado, que não quiz deixalo entrar na sala.

— Vai-te deitar, meu velho! disse-lhe ele. E' melhor para ti. A estas horas, já não deves ter sede.

Reboullot nada ouviu, sentindo apenas que Bourdillat o empurrava. Continuou o seu caminho. Depois, como já havia nos passos caixões de lixo, com um largo gesto magnifico e desinteressado atirou para um deles a sua moeda de cinco francos. Agora, já nada o impedia de recolher a casa; mas, como não ia muito direito, precisou de tempo.

De madrugada acordou: era um velho costume. Dois-lhe um pouco a cabeça. Bebeu uma caneca de agua fria, agarrou no cesto e no gancho e partiu, para esgaravatar nos caixões. De subito, num deles, pareceu-lhe ouvir tilintar dinheiro. Procurou e achou uma moeda de cinco francos: era a primeira vez que isto lhe succedia, nessa cidade onde ninguém atirava, pelas janelas, o seu dinheiro para os caixões de lixo. Reboullot não voltava a si de assombro. A quem pertenceria ela? Acabado o seu giro, indagou. Ninguém se lembrava de ter lançado fora cinco francos. Era gente honesta. Então Reboullot, honesto tambem, foi levar o seu achado ao comissario de policia.

Henrique Bachelin.

Santa terra

Um conspirador monarchista grande de Portugal escreveu a outro, que é padre, uma carta, publicada depois pelos jornais. Dela destacamos o seguinte trecho:

Creio que o meu amigo desconhece as condições de vida no Brasil: A melhor recomendação que o meu amigo para lá pode levar é precisamente a sua qualidade de padre. E' mais facil um padre encontrar lá a colacção do que um secular. Eu vou ver se posso obter-lhe uma recomendação pessoal para lá, mas o caso não corre pressa.

Santa terra, o Brasil!... O mesmo conspirador diz na carta que a "maldita aventura occideirista" fortificou a republica portugueza.

Mas valeu á nossa uma boa remessa de padres e de carolas. Que presente!

Pela linha Paulista

O nosso companheiro José Romero continua a percorrer a linha Paulista e suas ramificações em propaganda da Lanterna e procedendo á cobrança das assinaturas.

Por estes dias serão visitadas as seguintes localidades da Araraquaraense: S. José do Rio Preto, Ignacio Uchôa, Catanduva, S. João de Arirama, Cândido Rodrigues, Jurema, Taquaritinga, Dobrada e Matão.

Esperamos que todos os nossos amigos e assinantes se esforçarem para que o nosso amigo possa concluir no mais breve tempo possível a sua tarefa, poupando-nos isso grandes gastos e bastante trabalho.

A "Lanterna" em Santa Catarina

Abutres negros e pardos!

Onde pousa ou invade o territorio, a praga maldita dos filhos de Loyola, a devastação, a peste, a guerra, a fome, a deshonra no lar domestico, as inundações não se fazem esperar.

Desde que o jesuita alemão Tipp Topp começou a mandar vir seus patricios para parouquiar nossas frequezias e mandou buscar na Alemanha o Santo Burro, para o altar-mór da hoje catedral, começou tambem a invasão dos gafanhotos em nosso torrão natal, acompanhando assim a praga fradesca.

Assim como os gafanhotos em sua devastação não respeitaram uma só lavoura das frequezias do interior, e até mesmo os pomares de nossas chacaras e quintais na capital, assim tambem os abutres negros e pardos de cabeça raspada começaram na faina da immoralidade na cidade de S. José, esturpando uma menina de 11 a 12 annos!

Veu a expulsão dos frades de Portugal, e a abundancia ou nuvem aterradoradora de abutres invade o nosso torrão natal, por não acharem nos paizes adiantados quem os aturasse.

Com o maior prazer e alegria são eles aqui recebidos pelos Tipp Topp e Janjão Becker, seus patricios.

Foram logo nomeados vigarios e coadjutores de todas as igrejas e capellas do Estado e perseguidos e corridos os padres seculares aqui existentes, na maioria nossos coestadanos!

Após essa invasão calamitosa de frades e freiras, desenvolve-se no municipio da capital e em todos os municipios do Estado a epizootia nos animais vacum e cavalari, aterrorizando os lavradores pela grande mortalidade de seus animas, e por tal forma que ficou a lavoura privada de animas para a sua servidão.

Não ficou somente nessas duas pragas, — gafanhotos e epizootia, o seu arsenal de destruição. Vinha ainda em suas bagagens a inundaçáo das cidades de Itajahy e Blumenau.

E como consequencia desses desastres, a fome, a miseria e a carestia dos generos alimenticios!

Eis o resultado do pouso desses abutres negros e pardos de cabeça raspada em nosso Estado!

Qual dos mais antigos anciãos de nosso torrão natal dará noticia de ter sido visitada pelos gafanhotos e pela epizootia da peste a nossa lavoura?

Só depois da invasão desses abutres negros e pardos, expulsos de todas as nações civilizadas, que vieram aqui pousar, é que se deu a calamidade com a qual estamos lutando!

A repartição veterinaria neste Estado tem feito estudos para descobrir a origem dessa peste, que atirou aos urubus, aos cachorros, aos ratos e aos morcegos, deixando de examinar os abutres negros e pardos de cabeça encarnada, unicos contaminadores dessa contagiosa epidemia de tão atroz influencia para a lavoura!

Experimente essa repartição pedir ao governo, ou exigir, a expulsão desses abutres que conduzem tal epidemia e verá como, por encanto, desaparecerá a peste...

Um catarinense.

Santa Catarina, 18 — 4 — 1912.

EM SOROCABA

Um crime policial

Um delegado de policia manda assassinar um operario espanhol e lança a responsabilidade sobre o soldado — As barbaridades da São Paulo Electric Company.

Sexta-feira, 29 do p. p. mez, a população desta cidade foi abalada por uma noticia sensacional que, infelizmente, logo foi confirmada.

Para o lugar dos trabalhos da represa que o polvo norte-americano está construindo, com o sacrificio de centenares de operarios, no fim da linha de Votorantim, distante uns 18 quilomentros desta cidade, foi recentemente nomeado delegado de policia um engenheiro conhecido pelo nome de Berimback de Lima, engenheiro este que está ao serviço da soberana empresa desde o inicio daquele trabalho.

No dia supra indicado, um operario de nacionalidade espanhola dirigiu certa proposta a uma preta casada, queixando-se esta ao marido, que por sua vez levou a queixa ao conhecimento do famigerado engenheiro delegado. Este ordenou aos soldados que o prendessem. Tendo, porém, o operario tentado fugir, pondo-se a correr, a criminosa autoridade mandou que fizessem fogo sobre ele; os soldados, obedecendo, prostraram ao solo o infeliz operario, mortalmente ferido.

Esse aciderado, percebendo a indignação que se alastrava entre todos os operarios e para

evitar de ser lynchado pelo povo revoltado, espalhou o boato que tinha mandado fazer fogo para o ar. E, para se furtar á grave responsabilidade, lançou toda culpa sobre o soldado, que no dia seguinte foi preso como responsável do assassinato.

Sirva este facto de lição a todos os soldados que obedecem as ordens barbaras desses superiores sanguinarios, que exorbitam do cargo que occupam, atirando depois a responsabilidade sobre os desgraçados e submissos inferiores.

Hontem, 26, os operarios que trabalham na tal represa da infame companhia mostravam-se dispostos a fazer justiça pelas proprias mãos, já que as autoridades do Estado não tomaram nenhuma medida para punir o verdadeiro responsável, antes pelo contrario forneceram-lhe mais força para assegurar a sua impunidade. Ontem mesmo seguiram mais 12 soldados do destacamento daqui, armados e municionados, para garantir o pergaminhado bandido, ameaçado pela justiça popular.

As explorações, os roubos, os massacres a que diariamente estão sujeitos os operarios que trabalham na São Paulo Electric Company devem por de sobreaviso a todos os trabalhadores do paiz para procurarem serviço nesse infame quão lugubre abismo da morte, onde as proprias autoridades são empregados da Companhia.

Em outro numero daremos melhores informações dos acontecimentos de que é teatro o tal feudo.

Ida Moreno.

Pró-Ettor e Giovannitti

Protestando contra uma violencia

EM SOROCABA

Como previamos, tambem na Sorocaba laboriosa os homens emancipados que aspiram a um estadio de civilização mais em harmonia com as necessidades humanas não deixaram de atender ao apelo de solidariedade vindo da terra dos reis dos «dollars».

O comicio que lá deveria ser realizado no dia 18, contemporaneamente com os de S. Paulo, Santos e Rio, só pôde ter lugar, por diversos motivos, no dia 25 do mez p. findo.

Um grupo de livres-pensadores espalhou anteriormente pela cidade um bem lançado boletim relatando o grande crime de que estão sendo victimas Ettor e Giovannitti, os dois dedicados propagandistas da causa operaria, encerrados ha muitos mezes na prisão de Massachusetts para gaudio dos senhores dos grandes trusts norte-americanos.

O comicio teve lugar, com regular concorrência, no vasto salão da União Operaria. Falaram a companhia Tereza Peres, José Reviere e Galileu Lara, que, com o aplauso dos assistentes, lançaram o protesto do proletariado sorocabano contra a iniquidade exercida contra os companheiros Ettor e Giovannitti, aos quais testemunharam a sua inteira solidariedade.

A reunião encerrou-se com a leitura da moção de protesto que foi enviada ao embaixador norte-americano.

Idade propria

De um diario:

Uma dama americana, a senhora Green, era quaker. A' ultima hora fez-se catolica, e resolveu batizar-se aos 78 annos de idade. Não sabemos se foi baptizada de mergulho ou de comoda, mas atendendo á fragilidade dos annos, agrava da pela fragilidade do sexo, é de presumir que a velhota mergulhasse na pia.

A velhota repousada que vai ter a velhota, com o sacramento do batismo... in extremis!

Mas aqui está uma solução! Os catolicos querem e batismo na infancia; os livres pensadores dizem que isso é um abuso e uma violencia, pois a criança inconsciente não dá o seu consentimento.

Pois bem: reserve-se o batismo para a velhice, que é uma segunda infancia!

Secção amena

Os espiritos, como sabem, estão de novo em voga.

Um sujeito conta a um amigo as suas impressões de uma sessão espirita: — Interessantissima!... Evocamos o espirito do pobre Antonio, lembras-te? que morreu o anno passado...

— Aquele rapaz que não tinha um real de seu e viveu sempre como um principe... — Exactamente. — E como soubeste que era ele? — Ora! pediu-me logo duas libras emprestadas.

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? — Um burro. — Quando? — Quando lhe emprestei aqueles cinco mil réis que você nunca pagou...

— Você acredita na metempsichose? — Eu não, e você? — Eu, cegamente. — Então, que imagina você que já foi? —

NUCLEOS DA VANGUARDA

Table with financial data for 'NUCLEOS DA VANGUARDA' including 'EM S. PAULO' and 'EM MINAS' sections with various items and amounts.

Foi uma agradável noitada de propaganda, que se deve repetir com mais frequencia. Grupo Anticlerical - Comunica-nos o companheiro Joao Louzada que um nucleo de decididos anticlericais residentes na Ponta do Cajú acaba de fundar...

EM PELotas CONTRA O DOMINIO DO CLERO

PROTESTO

Usando de um direito constitucional, a população vive desta terra, diante da proteção dispensada abertamente ao clero, elemento pernicioso de todos os tempos...

Esta parte da população de Pelotas acompanhando o progresso do século livre de preconceitos retrogrados, cumpre um dever e pratica um bem salvaguardando a honra dos seus lavradores...

Pompilio Andrade Jaime, Armando Andrade Jaime, Francisco de Paula Borges, José Gomes Silva, José Marques de Sá, Frederico Schreiber, João Elpidio dos Anjos, Domingos Gonçalves Pereira, João Antonio de Assis, João Medina, Gaspar Alves de Pinho, Salvador Lopes, João Corrêa da Silva, Francisco M. de Aridreia, Pedro Rascisco M. de Oliveira, Pedro Rascisco M. de Oliveira, Paulo H. Goeden, Delfim Carvalho, Joaquim de Souza, Gaspar Granada, Hildebrando Salenque, Mario Hugo Lagos, Joaquim Nogueira, Arthur Corrêa dos Santos, Francisco Vieira Dias, Zeferino Emilio Tadei, João Cunha e Silva, Martiniano Lopes de Moraes, Valdemar Borba, José Maria Ventura, José N. da Guerra, Alberto dos Santos, Manuel Maximiano da Silva, Francelino Alves, Antonio Andrade Araujo, Francisco Adicham, José B. da S. Seiga, João Luiz Maisonave, J. L. Barrons, Cesar Calveira Brissolara, Francisco Gomes de Pinho, João S. Lima, Frederico Moroto, Julio Conceição Babrera, Lourival Lima da Silva, Lindolfo Soares, Antolino Ledesma Pinho, Oscar J. Neves, Valdemar Nether, José Fernandes, Tomaz Pinto Moreira, Joaquim Antonio da Silva, Manuel Dias Ferreira, Luiz Cunha, Carlos Jaime e Parejo, Martinez Andrade Jaime, Pedro Kugland, Delfim Brito, Cassio Antunes do Conte, Joaquim José Custodio, João de Souza Leite.

NO RIO

Escola Operaria 1.º de Maio - Apesar da pessima noite de 31 de agosto, a festa realizada pela Escola Operaria 1.º de Maio teve grande brilhantismo. A concorrência de familias foi grande, ficando a sala da escola inteiramente cheia.

Apresentado pelo professor da Escola, Pedro Maters, realizou o prof. José Otílica a sua excelente conferencia - A missão da Escola Racionalista, que deixou nos assistencia uma grande dose de ouvi-lo novamente, tal foi a proficiencia com que dissertou sobre a importante questão do ensino.

Foram depois recitadas, pela menina Gaira de Almeida, a poesia de A. Silva - O padre, e pelo menino Antonio da Silva, o soneto tambem de A. Silva - O patriotismo, agradante bastante ao numeroso auditorio. A Liga Anticlerical do Rio esteve representada pelos companheiros M. H. dos Santos e Elpidio Nunes.

Capital - B. R. P.: Recebemos o raspo. Saudações. Paranaquá - C. L.: Era escusado tantas explicações. Mandarei logo que possa. Seguiu o romance, Saudações. Est. Ferraz - S. Pierini: A quantia veio certa, ficando aqui a importância do livro de White, que ainda não veio. Está recebendo o jornal? Saudações. Belo Horizonte - G. Torres: Recebemos a carta sobre o congresso. Faremos o que pedem. Saúde! Vila de Itauna - F. Pena: Seguirem duas dúzias de postais e dois pacotes para as duchas. Queira avisar-nos qual a diferença em nosso poder. Saudações.

Capital - B. R. P.: Recebemos o raspo. Saudações. Paranaquá - C. L.: Era escusado tantas explicações. Mandarei logo que possa. Seguiu o romance, Saudações. Est. Ferraz - S. Pierini: A quantia veio certa, ficando aqui a importância do livro de White, que ainda não veio. Está recebendo o jornal? Saudações. Belo Horizonte - G. Torres: Recebemos a carta sobre o congresso. Faremos o que pedem. Saúde! Vila de Itauna - F. Pena: Seguirem duas dúzias de postais e dois pacotes para as duchas. Queira avisar-nos qual a diferença em nosso poder. Saudações.

Manuel Ferreira Vaz, Antonio M. Saraiva, Antonio Borges Barreto, Daniel Rodrigues, João Gamilo, Bernardino da Costa, Americo J. Olios, Menileu Vieira Braga, Tomaz Sassoni, Arnaldo Etchbest, Renato A. Pinto, Silvio Pellico Belchior Sobrinho, Eduardo Marques Saraiva, Hugo Marini, Manuel da Silva Calixto, Ataliba Martins Freitas, José A. Teixeira, Francisco Ferrer, José Pedro Franz, Ramão Ferrer, Martiniano Ortel da Fonseca, Adriano Muniz Fagundes, Manuel F. Basber, Francisco Vitor, Eugenio Aquino, Carlos Amorim, José Carlos da Silveira, José Bento Junior, José Luiz do Rosario, Fabião L. abourdets, Luiz de Souza e Silva, Maurilio M. Vilar, Pedro Felix Xavier, Dario Humberto Lagos, Simeão Borges, Lelio Falcão, Catalinio Olfínio Caldas, José Antonio de Barros, Simplicio Pires, Zulmirio Quirineo Soares, Alberto Roberto Neto, Francisco Bassols Oliver, João Francisco da Silva, Joaquim Mello, Carlos Casanova Nogueira, Alfredo Casanova Nogueira, Mario Primazewski, João Ilmezi, João Monteiro Filho, Alfredo Ferreira da Silva, Ovidio Ribeiro, Anselmo Edmundo Pinho.

(Continua.)

Bilhetes e recados

Rio - M. Macedo: Da Confissão não ha mais nenhum exemplar. A Greve de ventres irá com o João. O outro pedido deve fazer directamente, pois não temos a possibilidade de encontrar o E. Saude! Pirajú - G. Polenghi: Seguirem os ns. pedidos. Saúde! Morro Velho - A. L. R.: Modificamos o endereço para evitar que os tais da boa gente roubem o jornal. Saúde!

Coritiba - B. L. G.: Recebemos os 10\$ de sua assinatura, que começo com o primeiro n. expedido directamente para o seu endereço. Agradecemos pela solicitude com que nos distinguuiu. Mandaremos o recibo. Saudações.

S. João d'El-Rei - Dr. C. B. de C.: Recebemos a importância de sua assinatura, registando o seu endereço no livro de assinantes da Lanterna. Saudações.

Passo Fundo - M. G. da L.: Fizemos a transferencia do endereço. Seguiu um pacote para a propaganda ai. Saudações.

Pelotas - A. L. M.: Foi satisfeito o seu pedido. Ainda não chegou a segunda remessa do livro de White. Saudações.

Rio - M. V. de C.: E' um trabalho de grande alcance para a propaganda que o amigo está fazendo. Remetemos mais dois pacotes para o mesmo fim. Também nós conservamos e empregamos todas as folhas de propaganda. Saudações.

Capital - B. R. P.: Recebemos o raspo. Saudações. Paranaquá - C. L.: Era escusado tantas explicações. Mandarei logo que possa. Seguiu o romance, Saudações. Est. Ferraz - S. Pierini: A quantia veio certa, ficando aqui a importância do livro de White, que ainda não veio. Está recebendo o jornal? Saudações.

Belo Horizonte - G. Torres: Recebemos a carta sobre o congresso. Faremos o que pedem. Saúde! Vila de Itauna - F. Pena: Seguirem duas dúzias de postais e dois pacotes para as duchas. Queira avisar-nos qual a diferença em nosso poder. Saudações.

Capital - B. R. P.: Recebemos o raspo. Saudações. Paranaquá - C. L.: Era escusado tantas explicações. Mandarei logo que possa. Seguiu o romance, Saudações. Est. Ferraz - S. Pierini: A quantia veio certa, ficando aqui a importância do livro de White, que ainda não veio. Está recebendo o jornal? Saudações. Belo Horizonte - G. Torres: Recebemos a carta sobre o congresso. Faremos o que pedem. Saúde! Vila de Itauna - F. Pena: Seguirem duas dúzias de postais e dois pacotes para as duchas. Queira avisar-nos qual a diferença em nosso poder. Saudações.

Capital - B. R. P.: Recebemos o raspo. Saudações. Paranaquá - C. L.: Era escusado tantas explicações. Mandarei logo que possa. Seguiu o romance, Saudações. Est. Ferraz - S. Pierini: A quantia veio certa, ficando aqui a importância do livro de White, que ainda não veio. Está recebendo o jornal? Saudações. Belo Horizonte - G. Torres: Recebemos a carta sobre o congresso. Faremos o que pedem. Saúde! Vila de Itauna - F. Pena: Seguirem duas dúzias de postais e dois pacotes para as duchas. Queira avisar-nos qual a diferença em nosso poder. Saudações.

Capital - B. R. P.: Recebemos o raspo. Saudações. Paranaquá - C. L.: Era escusado tantas explicações. Mandarei logo que possa. Seguiu o romance, Saudações. Est. Ferraz - S. Pierini: A quantia veio certa, ficando aqui a importância do livro de White, que ainda não veio. Está recebendo o jornal? Saudações. Belo Horizonte - G. Torres: Recebemos a carta sobre o congresso. Faremos o que pedem. Saúde! Vila de Itauna - F. Pena: Seguirem duas dúzias de postais e dois pacotes para as duchas. Queira avisar-nos qual a diferença em nosso poder. Saudações.

Capital - B. R. P.: Recebemos o raspo. Saudações. Paranaquá - C. L.: Era escusado tantas explicações. Mandarei logo que possa. Seguiu o romance, Saudações. Est. Ferraz - S. Pierini: A quantia veio certa, ficando aqui a importância do livro de White, que ainda não veio. Está recebendo o jornal? Saudações. Belo Horizonte - G. Torres: Recebemos a carta sobre o congresso. Faremos o que pedem. Saúde! Vila de Itauna - F. Pena: Seguirem duas dúzias de postais e dois pacotes para as duchas. Queira avisar-nos qual a diferença em nosso poder. Saudações.

Capital - B. R. P.: Recebemos o raspo. Saudações. Paranaquá - C. L.: Era escusado tantas explicações. Mandarei logo que possa. Seguiu o romance, Saudações. Est. Ferraz - S. Pierini: A quantia veio certa, ficando aqui a importância do livro de White, que ainda não veio. Está recebendo o jornal? Saudações. Belo Horizonte - G. Torres: Recebemos a carta sobre o congresso. Faremos o que pedem. Saúde! Vila de Itauna - F. Pena: Seguirem duas dúzias de postais e dois pacotes para as duchas. Queira avisar-nos qual a diferença em nosso poder. Saudações.

Capital - B. R. P.: Recebemos o raspo. Saudações. Paranaquá - C. L.: Era escusado tantas explicações. Mandarei logo que possa. Seguiu o romance, Saudações. Est. Ferraz - S. Pierini: A quantia veio certa, ficando aqui a importância do livro de White, que ainda não veio. Está recebendo o jornal? Saudações. Belo Horizonte - G. Torres: Recebemos a carta sobre o congresso. Faremos o que pedem. Saúde! Vila de Itauna - F. Pena: Seguirem duas dúzias de postais e dois pacotes para as duchas. Queira avisar-nos qual a diferença em nosso poder. Saudações.

Capital - B. R. P.: Recebemos o raspo. Saudações. Paranaquá - C. L.: Era escusado tantas explicações. Mandarei logo que possa. Seguiu o romance, Saudações. Est. Ferraz - S. Pierini: A quantia veio certa, ficando aqui a importância do livro de White, que ainda não veio. Está recebendo o jornal? Saudações. Belo Horizonte - G. Torres: Recebemos a carta sobre o congresso. Faremos o que pedem. Saúde! Vila de Itauna - F. Pena: Seguirem duas dúzias de postais e dois pacotes para as duchas. Queira avisar-nos qual a diferença em nosso poder. Saudações.

Capital - B. R. P.: Recebemos o raspo. Saudações. Paranaquá - C. L.: Era escusado tantas explicações. Mandarei logo que possa. Seguiu o romance, Saudações. Est. Ferraz - S. Pierini: A quantia veio certa, ficando aqui a importância do livro de White, que ainda não veio. Está recebendo o jornal? Saudações. Belo Horizonte - G. Torres: Recebemos a carta sobre o congresso. Faremos o que pedem. Saúde! Vila de Itauna - F. Pena: Seguirem duas dúzias de postais e dois pacotes para as duchas. Queira avisar-nos qual a diferença em nosso poder. Saudações.

Capital - B. R. P.: Recebemos o raspo. Saudações. Paranaquá - C. L.: Era escusado tantas explicações. Mandarei logo que possa. Seguiu o romance, Saudações. Est. Ferraz - S. Pierini: A quantia veio certa, ficando aqui a importância do livro de White, que ainda não veio. Está recebendo o jornal? Saudações. Belo Horizonte - G. Torres: Recebemos a carta sobre o congresso. Faremos o que pedem. Saúde! Vila de Itauna - F. Pena: Seguirem duas dúzias de postais e dois pacotes para as duchas. Queira avisar-nos qual a diferença em nosso poder. Saudações.

Capital - B. R. P.: Recebemos o raspo. Saudações. Paranaquá - C. L.: Era escusado tantas explicações. Mandarei logo que possa. Seguiu o romance, Saudações. Est. Ferraz - S. Pierini: A quantia veio certa, ficando aqui a importância do livro de White, que ainda não veio. Está recebendo o jornal? Saudações. Belo Horizonte - G. Torres: Recebemos a carta sobre o congresso. Faremos o que pedem. Saúde! Vila de Itauna - F. Pena: Seguirem duas dúzias de postais e dois pacotes para as duchas. Queira avisar-nos qual a diferença em nosso poder. Saudações.

Capital - B. R. P.: Recebemos o raspo. Saudações. Paranaquá - C. L.: Era escusado tantas explicações. Mandarei logo que possa. Seguiu o romance, Saudações. Est. Ferraz - S. Pierini: A quantia veio certa, ficando aqui a importância do livro de White, que ainda não veio. Está recebendo o jornal? Saudações. Belo Horizonte - G. Torres: Recebemos a carta sobre o congresso. Faremos o que pedem. Saúde! Vila de Itauna - F. Pena: Seguirem duas dúzias de postais e dois pacotes para as duchas. Queira avisar-nos qual a diferença em nosso poder. Saudações.

Capital - B. R. P.: Recebemos o raspo. Saudações. Paranaquá - C. L.: Era escusado tantas explicações. Mandarei logo que possa. Seguiu o romance, Saudações. Est. Ferraz - S. Pierini: A quantia veio certa, ficando aqui a importância do livro de White, que ainda não veio. Está recebendo o jornal? Saudações. Belo Horizonte - G. Torres: Recebemos a carta sobre o congresso. Faremos o que pedem. Saúde! Vila de Itauna - F. Pena: Seguirem duas dúzias de postais e dois pacotes para as duchas. Queira avisar-nos qual a diferença em nosso poder. Saudações.

Capital - B. R. P.: Recebemos o raspo. Saudações. Paranaquá - C. L.: Era escusado tantas explicações. Mandarei logo que possa. Seguiu o romance, Saudações. Est. Ferraz - S. Pierini: A quantia veio certa, ficando aqui a importância do livro de White, que ainda não veio. Está recebendo o jornal? Saudações. Belo Horizonte - G. Torres: Recebemos a carta sobre o congresso. Faremos o que pedem. Saúde! Vila de Itauna - F. Pena: Seguirem duas dúzias de postais e dois pacotes para as duchas. Queira avisar-nos qual a diferença em nosso poder. Saudações.

Capital - B. R. P.: Recebemos o raspo. Saudações. Paranaquá - C. L.: Era escusado tantas explicações. Mandarei logo que possa. Seguiu o romance, Saudações. Est. Ferraz - S. Pierini: A quantia veio certa, ficando aqui a importância do livro de White, que ainda não veio. Está recebendo o jornal? Saudações. Belo Horizonte - G. Torres: Recebemos a carta sobre o congresso. Faremos o que pedem. Saúde! Vila de Itauna - F. Pena: Seguirem duas dúzias de postais e dois pacotes para as duchas. Queira avisar-nos qual a diferença em nosso poder. Saudações.

Capital - B. R. P.: Recebemos o raspo. Saudações. Paranaquá - C. L.: Era escusado tantas explicações. Mandarei logo que possa. Seguiu o romance, Saudações. Est. Ferraz - S. Pierini: A quantia veio certa, ficando aqui a importância do livro de White, que ainda não veio. Está recebendo o jornal? Saudações. Belo Horizonte - G. Torres: Recebemos a carta sobre o congresso. Faremos o que pedem. Saúde! Vila de Itauna - F. Pena: Seguirem duas dúzias de postais e dois pacotes para as duchas. Queira avisar-nos qual a diferença em nosso poder. Saudações.

Capital - B. R. P.: Recebemos o raspo. Saudações. Paranaquá - C. L.: Era escusado tantas explicações. Mandarei logo que possa. Seguiu o romance, Saudações. Est. Ferraz - S. Pierini: A quantia veio certa, ficando aqui a importância do livro de White, que ainda não veio. Está recebendo o jornal? Saudações. Belo Horizonte - G. Torres: Recebemos a carta sobre o congresso. Faremos o que pedem. Saúde! Vila de Itauna - F. Pena: Seguirem duas dúzias de postais e dois pacotes para as duchas. Queira avisar-nos qual a diferença em nosso poder. Saudações.

Capital - B. R. P.: Recebemos o raspo. Saudações. Paranaquá - C. L.: Era escusado tantas explicações. Mandarei logo que possa. Seguiu o romance, Saudações. Est. Ferraz - S. Pierini: A quantia veio certa, ficando aqui a importância do livro de White, que ainda não veio. Está recebendo o jornal? Saudações. Belo Horizonte - G. Torres: Recebemos a carta sobre o congresso. Faremos o que pedem. Saúde! Vila de Itauna - F. Pena: Seguirem duas dúzias de postais e dois pacotes para as duchas. Queira avisar-nos qual a diferença em nosso poder. Saudações.

Capital - B. R. P.: Recebemos o raspo. Saudações. Paranaquá - C. L.: Era escusado tantas explicações. Mandarei logo que possa. Seguiu o romance, Saudações. Est. Ferraz - S. Pierini: A quantia veio certa, ficando aqui a importância do livro de White, que ainda não veio. Está recebendo o jornal? Saudações. Belo Horizonte - G. Torres: Recebemos a carta sobre o congresso. Faremos o que pedem. Saúde! Vila de Itauna - F. Pena: Seguirem duas dúzias de postais e dois pacotes para as duchas. Queira avisar-nos qual a diferença em nosso poder. Saudações.

S. Jeronimo - A. D.: Corrigimos o engano e remetemos-lhe todos os ns. atrasados. Desculpa a involuntaria falta. Saudações. Conquista - S. E. N.: O anuncio sairá no proximo numero. Saúde! Sorocaba - União Operaria: Já entregamos a respectiva comissao a lista de subscrição e o vale em favor do operario F. P. Rio - R. S. Munhoz: Recebemos o jornal e o boletim. Agradecidos. Cidade de Arrasuahy - Ze bedeu: Continue. Será satisfeito o seu pedido. Saudações. Rio - Barbosa: Já tinha recebido outra noticia do M. As notas irão com o João. Oxalá ela se torna um facto. Abraços.

A LANTERNA NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos: CAFE CRITERIUM largo do Rio, 32. Rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde do Sapucahy, engraxate. Rua da Assembléa, 29, esquina da rua do Carmo, engraxate. Rua do Ouvidor, 181, agencia do sr. Braz Lauria. Rua do Senado, 63, com o sr. Manuel Quessada. Avenida Passos, 122, engraxate. Rua do Lavradio, 47, com o sr. Angelo Prinet. Rua da Sande, 167, com o sr. Nicolau Carno. Estação Central, com o sr. Paschoal Mauro. Largo da Lapa, 112, com o sr. Januario Bruno. Rua 1.º de Março, agencia do sr. Mandarin. Rua Uruguyana, 110, esquina da rua do Rosario, engraxate. Rua Marechal Floriano Peixoto, 58, engraxate. Avrinda Mem de Sá, esquina da rua Lavradio, com o sr. Carlos Compas. Rua Souza Franco, 64, Villa Isabel, com o sr. Pedro B. Matera. Largo dos Leões, com o sr. Natan Carelli.

A Sementeira

Publicação mensal ilustrada de critica e sociologia do Lisboa. Insero retratos e biographias de es critores e artistas revolucionarios e livres pensadores como (entre os ultimos publicados) Wagner, Emil Goldman, Tebernichetsky, Rapisardi, Guyau.

Assinatura anual: 1\$200 (moeda brasileira). Assina-se nesta redacção.

GREVE DE VENTRES

Diversos meios praticos para evitar a procriação. Um folheto, 900 rs. Maço de 50 para revender, 3\$500. Pedidos á Livraria Lealdade, rua S. Bento, 51, ou a esta redacção.

NO RIO

E' representante da Lanterna no Rio o nosso amigo Ceclio Villar, que poderá ser encontrado á rua do Senado, 198.

Da cobrança das assignaturas está encarregado o companheiro Santos Barbosa.

Está á venda

o restante da edição do esplendido livro do grande sociologo ELI HASK RECLUS

Evolução, Revolução e Ideal Anarquista custando 1\$500 o exemplar e mais 300 réis pelo correio

Só podemos atender os pedidos que venham acompanhados da respectiva importância.

Essa desgraçada persiste na sua heresia, disse ele com lentidão. Tornarei para a ver... A freira permaneceu muda e impassivel.

Entretanto, ajuntou o padre, é preciso domar ao mesmo tempo o corpo e a alma dessa rebelde... Bem me entendeis, irmã, digo o corpo e a alma.

Compreendi, disse a monja: o corpo com privações; a alma com visões...

Isso mesmo, irmã. Levai a rebelde... Requiiescat in pace! A freira inclinou a cabeça. Depois deu um grito que repercutiu pelo corredor, abrindo-se logo duas celas e aparecendo duas religiosas, ás quaes Gerlaut fez um sinal. As duas monjas levantaram Flor de Maio, que continuava desfalecida, e começaram a descer as escadas com o fardo.

Requiiescat in pace! repetiu o arcepreste. Depois, voltendo-se para a religiosa que com elle ficava inclinouse com humildade estudada:

Até á vista, senhora abadesa. A freira soureu um abalo, cobrindo-lhe por um instante as brancas faces uma leve tinta rosada.

Que dizes! murmurou ella. Sou apenas superiora.

Digo que é necessario recomendar os brilhantes serviços que prestais á nossa santa Igreja e que vou pedir a Monsenhor de la Motte que se faça de modo que vos seja conferido o titulo de abadesa com todas as prerrogativas que lhe são annexas. Tenho, pois, rasão em dizer: Até á vista, senhora abadesa, e que vos tenha Deus em sua santa guarda!

E Gerlaut desceu por sua vez, deixando á superiora, que se encostara á parede e fazia incréditas atitudes para ouvir a inmensa alg...

Essa desgraçada persiste na sua heresia, disse ele com lentidão. Tornarei para a ver... A freira permaneceu muda e impassivel.

Entretanto, ajuntou o padre, é preciso domar ao mesmo tempo o corpo e a alma dessa rebelde... Bem me entendeis, irmã, digo o corpo e a alma.

Compreendi, disse a monja: o corpo com privações; a alma com visões...

Isso mesmo, irmã. Levai a rebelde... Requiiescat in pace! A freira inclinou a cabeça. Depois deu um grito que repercutiu pelo corredor, abrindo-se logo duas celas e aparecendo duas religiosas, ás quaes Gerlaut fez um sinal. As duas monjas levantaram Flor de Maio, que continuava desfalecida, e começaram a descer as escadas com o fardo.

Requiiescat in pace! repetiu o arcepreste. Depois, voltendo-se para a religiosa que com elle ficava inclinouse com humildade estudada:

Até á vista, senhora abadesa. A freira soureu um abalo, cobrindo-lhe por um instante as brancas faces uma leve tinta rosada.

Que dizes! murmurou ella. Sou apenas superiora.

BIBLIOTECA DA "LANTERNA"

EM PORTUGUÊS A. de Pinho, Pela Educação e pelo Trabalho \$200 H. Malatesta, Programa socialista anarquista-revolucionario \$100 Prof. Saturnino Barbosa, Poema Transcendente 1\$000 B. Peres Galdós, Electra, (drama anticlerical em 5 actos) 1\$000 Mesa Botta, O Papa Negro 2\$000 Otaviano Reinel, Um como não ha muitos, (comedia de costumes nacionaes e 2 actos) 1\$000 Carlos Dias, Semeando para Colher \$300 Paulo Bertheloth, Evangelho da Hora \$200 Guerra Junqueiro, A velhice da Padre Eterno 2\$00

EM ESPANHOL Rotgers, Las Guerras y la Democrazia de la Poblacion \$100 Ch. Drysdale, Dignidad, Libertad e Independencia \$100 C. S. Darrow, Crimen y Criminalidad \$100 André Girard, Educación y Autoridad Paternal \$100

EM ITALIANO Romanzo di una Donna, Angelo Longarelli 1\$500

EM FRANCÊS Les Prisons, Pierre Kropotkine, L'Esprit de Revolte René Chaugli, La Femme Ka clave Jean Grave, L'entente pour l'Action Eli-de Reclus, A mon Frere le Payan Jean Grave, Si j'avais á parler aux Electeurs Charles Albert, Patrie, Guerre, Caserne Eli-de Reclus, Evolution e Revolution Urbain Gohier, Aux Femmes E. Malatesta, Entre Paysans M. Nattlan, La responsabilité, et la Solidarité dans la lutte ouvrière Marc Pierrot, Sur l'individualisme Louis Blanc, Quelques Verités Economiques André Girard et M. Pierrot, Le Parlementarisme contre l'Ation Ouvrière Pedro Kropotkine, Le Salarial Anarchate M. Pierrot, Travail et Surmenage Diderot, Entretien d'un philosophe avec la marchande Jean Grave, La Conquête des pouvoirs publics Jean Grav, Une des Formes nouvelles de l'Esprit politique Les Temps Nouveaux, Centre la Guerre \$200

EM ITALIANO Romanzo di una Donna, Angelo Longarelli 1\$500

EM FRANCÊS Les Prisons, Pierre Kropotkine, L'Esprit de Revolte René Chaugli, La Femme Ka clave Jean Grave, L'entente pour l'Action Eli-de Reclus, A mon Frere le Payan Jean Grave, Si j'avais á parler aux Electeurs Charles Albert, Patrie, Guerre, Caserne Eli-de Reclus, Evolution e Revolution Urbain Gohier, Aux Femmes E. Malatesta, Entre Paysans M. Nattlan, La responsabilité, et la Solidarité dans la lutte ouvrière Marc Pierrot, Sur l'individualisme Louis Blanc, Quelques Verités Economiques André Girard et M. Pierrot, Le Parlementarisme contre l'Ation Ouvrière Pedro Kropotkine, Le Salarial Anarchate M. Pierrot, Travail et Surmenage Diderot, Entretien d'un philosophe avec la marchande Jean Grave, La Conquête des pouvoirs publics Jean Grav, Une des Formes nouvelles de l'Esprit politique Les Temps Nouveaux, Centre la Guerre \$200

EM ITALIANO Romanzo di una Donna, Angelo Longarelli 1\$500

EM FRANCÊS Les Prisons, Pierre Kropotkine, L'Esprit de Revolte René Chaugli, La Femme Ka clave Jean Grave, L'entente pour l'Action Eli-de Reclus, A mon Frere le Payan Jean Grave, Si j'avais á parler aux Electeurs Charles Albert, Patrie, Guerre, Caserne Eli-de Reclus, Evolution e Revolution Urbain Gohier, Aux Femmes E. Malatesta, Entre Paysans M. Nattlan, La responsabilité, et la Solidarité dans la lutte ouvrière Marc Pierrot, Sur l'individualisme Louis Blanc, Quelques Verités Economiques André Girard et M. Pierrot, Le Parlementarisme contre l'Ation Ouvrière Pedro Kropotkine, Le Salarial Anarchate M. Pierrot, Travail et Surmenage Diderot, Entretien d'un philosophe avec la marchande Jean Grave, La Conquête des pouvoirs publics Jean Grav, Une des Formes nouvelles de l'Esprit politique Les Temps Nouveaux, Centre la Guerre \$200

EM ITALIANO Romanzo di una Donna, Angelo Longarelli 1\$500

EM FRANCÊS Les Prisons, Pierre Kropotkine, L'Esprit de Revolte René Chaugli, La Femme Ka clave Jean Grave, L'entente pour l'Action Eli-de Reclus, A mon Frere le Payan Jean Grave, Si j'avais á parler aux Electeurs Charles Albert, Patrie, Guerre, Caserne Eli-de Reclus, Evolution e Revolution Urbain Gohier, Aux Femmes E. Malatesta, Entre Paysans M. Nattlan, La responsabilité, et la Solidarité dans la lutte ouvrière Marc Pierrot, Sur l'individualisme Louis Blanc, Quelques Verités Economiques André Girard et M. Pierrot, Le Parlementarisme contre l'Ation Ouvrière Pedro Kropotkine, Le Salarial Anarchate M. Pierrot, Travail et Surmenage Diderot, Entretien d'un philosophe avec la marchande Jean Grave, La Conquête des pouvoirs publics Jean Grav, Une des Formes nouvelles de l'Esprit politique Les Temps Nouveaux, Centre la Guerre \$200

EM ITALIANO Romanzo di una Donna, Angelo Longarelli 1\$500

EM FRANCÊS Les Prisons, Pierre Kropotkine, L'Esprit de Revolte René Chaugli, La Femme Ka clave Jean Grave, L'entente pour l'Action Eli-de Reclus, A mon Frere le Payan Jean Grave, Si j'avais á parler aux Electeurs Charles Albert, Patrie, Guerre, Caserne Eli-de Reclus, Evolution e Revolution Urbain Gohier, Aux Femmes E. Malatesta, Entre Paysans M. Nattlan, La responsabilité, et la Solidarité dans la lutte ouvrière Marc Pierrot, Sur l'individualisme Louis Blanc, Quelques Verités Economiques André Girard et M. Pierrot, Le Parlementarisme contre l'Ation Ouvrière Pedro Kropotkine, Le Salarial Anarchate M. Pierrot, Travail et Surmenage Diderot, Entretien d'un philosophe avec la marchande Jean Grave, La Conquête des pouvoirs publics Jean Grav, Une des Formes nouvelles de l'Esprit politique Les Temps Nouveaux, Centre la Guerre \$200

EM ITALIANO Romanzo di una Donna, Angelo Longarelli 1\$500

EM FRANCÊS Les Prisons, Pierre Kropotkine, L'Esprit de Revolte René Chaugli, La Femme Ka clave Jean Grave, L'entente pour l'Action Eli-de Reclus, A mon Frere le Payan Jean Grave, Si j'avais á parler aux Electeurs Charles Albert, Patrie, Guerre, Caserne Eli-de Reclus, Evolution e Revolution Urbain Gohier, Aux Femmes E. Malatesta, Entre Paysans M. Nattlan, La responsabilité, et la Solidarité dans la lutte ouvrière Marc Pierrot, Sur l'individualisme Louis Blanc, Quelques Verités Economiques André Girard et M. Pierrot, Le Parlementarisme contre l'Ation Ouvrière Pedro Kropotkine, Le Salarial Anarchate M. Pierrot, Travail et Surmenage Diderot, Entretien d'un philosophe avec la marchande Jean Grave, La Conquête des pouvoirs publics Jean Grav, Une des Formes nouvelles de l'Esprit politique Les Temps Nouveaux, Centre la Guerre \$200

EM ITALIANO Romanzo di una Donna, Angelo Longarelli 1\$500

EM FRANCÊS Les Prisons, Pierre Kropotkine, L'Esprit de Revolte René Chaugli, La Femme Ka clave Jean Grave, L'entente pour l'Action Eli-de Reclus, A mon Frere le Payan Jean Grave, Si j'avais á parler aux Electeurs Charles Albert, Patrie, Guerre, Caserne Eli-de Reclus, Evolution e Revolution Urbain Gohier, Aux Femmes E. Malatesta, Entre Paysans M. Nattlan, La responsabilité, et la Solidarité dans la lutte ouvrière Marc Pierrot, Sur l'individualisme Louis Blanc, Quelques Verités Economiques André Girard et M. Pierrot, Le Parlementarisme contre l'Ation Ouvrière Pedro Kropotkine, Le Salarial Anarchate M. Pierrot, Travail et Surmenage Diderot, Entretien d'un philosophe avec la marchande Jean Grave, La Conquête des pouvoirs publics Jean Grav, Une des Formes nouvelles de l'Esprit politique Les Temps Nouveaux, Centre la Guerre \$200

EM ITALIANO Romanzo di una Donna, Angelo Longarelli 1\$500

EM FRANCÊS Les Prisons, Pierre Kropotkine, L'Esprit de Revolte René Chaugli, La Femme Ka clave Jean Grave, L'entente pour l'Action Eli-de Reclus, A mon Frere le Payan Jean Grave, Si j'avais á parler aux Electeurs Charles Albert, Patrie, Guerre, Caserne Eli-de Reclus, Evolution e Revolution Urbain Gohier, Aux Femmes E. Malatesta, Entre Paysans M. Nattlan, La responsabilité, et la Solidarité dans la lutte ouvrière Marc Pierrot, Sur l'individualisme Louis Blanc, Quelques Verités Economiques André Girard et M. Pierrot, Le Parlementarisme contre l'Ation Ouvrière Pedro Kropotkine, Le Salarial Anarchate M. Pierrot, Travail et Surmenage Diderot, Entretien d'un philosophe avec la marchande Jean Grave, La Conquête des pouvoirs publics Jean Grav, Une des Formes nouvelles de l'Esprit politique Les Temps Nouveaux, Centre la Guerre \$200

EM ITALIANO Romanzo di una Donna, Angelo Longarelli 1\$500

EM FRANCÊS Les Prisons, Pierre Kropotkine, L'Esprit de Revolte René Chaugli, La Femme Ka clave Jean Grave, L'entente pour l'Action Eli-de Reclus, A mon Frere le Payan Jean Grave, Si j'avais á parler aux Electeurs Charles Albert, Patrie, Guerre, Caserne Eli-de Reclus, Evolution e Revolution Urbain Gohier, Aux Femmes E. Malatesta, Entre Paysans M. Nattlan, La responsabilité, et la Solidarité dans la lutte ouvrière Marc Pierrot, Sur l'individualisme Louis Blanc, Quelques Verités Economiques André Girard et M. Pierrot, Le Parlementarisme contre l'Ation Ouvrière Pedro Kropotkine, Le Salarial Anarchate M. Pierrot, Travail et Surmenage Diderot, Entretien d'un philosophe avec la marchande Jean Grave, La Conquête des pouvoirs publics Jean Grav, Une des Formes nouvelles de l'Esprit politique Les Temps Nouveaux, Centre la Guerre \$200

EM ITALIANO Romanzo di una Donna, Angelo Longarelli 1\$500

EM FRANCÊS Les Prisons, Pierre Kropotkine, L'Esprit de Revolte René Chaugli, La Femme Ka clave Jean Grave, L'entente pour l'Action Eli-de Reclus, A mon Frere le Payan Jean Grave, Si j'avais á parler aux Electeurs Charles Albert, Patrie, Guerre, Caserne Eli-de Reclus, Evolution e Revolution Urbain Gohier, Aux Femmes E. Malatesta, Entre Paysans M. Nattlan, La responsabilité, et la Solidarité dans la lutte ouvrière Marc Pierrot, Sur l'individualisme Louis Blanc, Quelques Verités Economiques André Girard et M. Pierrot, Le Parlementarisme contre l'Ation Ouvrière Pedro Kropotkine, Le Salarial Anarchate M. Pierrot, Travail et Surmenage Diderot, Entretien d'un philosophe avec la marchande Jean Grave, La Conquête des pouvoirs publics Jean Grav, Une des Formes nouvelles de l'Esprit politique Les Temps Nouveaux, Centre la Guerre \$200

EM ITALIANO Romanzo di una Donna, Angelo Longarelli 1\$500

EM FRANCÊS Les Prisons, Pierre Kropotkine, L'Esprit de Revolte René Chaugli, La Femme Ka clave Jean Grave, L'entente pour l'Action Eli-de Reclus, A mon Frere le Payan Jean Grave, Si j'avais á parler aux Electeurs Charles Albert, Patrie, Guerre, Caserne Eli-de Reclus, Evolution e Revolution Urbain Gohier, Aux Femmes E. Malatesta, Entre Paysans M. Nattlan, La responsabilité, et la Solidarité dans la lutte ouvrière Marc Pierrot, Sur l'individualisme Louis Blanc, Quelques Verités Economiques André Girard et M. Pierrot, Le Parlementarisme contre l'Ation Ouvrière Pedro Kropotkine, Le Salarial